

# A Funai comete erros na Trans-AM, diz sertanista

ESP 24-5-72

Da Sucursal de Brasília

A Funai não está obedecendo as diretrizes do grupo de trabalho que traçou as diretrizes da ação do órgão para atração e pacificação das tribos isoladas que habitam a faixa de influência da Transamazônica. Há problemas no planejamento do trabalho, faltam medidas de profilaxia para proteção dos índios que serão atraídos, e não há racionalização na distribuição da verba destinada à Funai pelo Plano de Integração Nacional. Estes problemas foram apontados pelo sertanista Antonio Cotrim Neto, que trabalhou na área e agora desligou-se da Funai.

O plano elaborado pelo grupo de trabalho, segundo Cotrim, previa a realização de vôos em toda a extensão da estrada, numa faixa de 100 quilômetros de cada margem, para a localização das aldeias da área. "Como esse trabalho não foi feito — disse o sertanista — os planejamentos realizados apresentaram falhas, principalmente na distribuição

de recursos às frentes de penetração".

Estava também previsto que a técnica a ser utilizada para a atração do índio seria a do "namoro" e que todas as turmas encarregadas da construção da estrada teriam a assistência de funcionários da Funai, para o caso de contatos imprevistos com os índios. "No entanto, duas vezes os tra-

balhadores encontraram-se com os índios e, em ambas, não estavam acompanhados de funcionários da Funai. Por sorte, não houve nenhuma reação violenta dos trabalhadores, que normalmente têm medo dos índios, e tudo se resolveu tranquilamente".

SAGDE

As medidas profiláticas previstas no plano não estão sendo adotadas pela Funai e, segundo o sertanista, há pessoas tuberculosas e muitas que não foram vacinadas nas frentes de penetração. Dos 70 primeiros funcionários do órgão deslocados para a Transamazônica, alguns apenas tinham sido vacinados e submetidos a exame médico em Belém.

"Eu próprio — disse Cotrim — pedi à Funai um intérprete tupi para entrar em contato com os kubekrameti e me mandaram um índio tuberculoso, chamado Antonio Tirió".

O sertanista já estava em contato com os índios, quando chegou o intérprete. Por essa razão, ele ficou 20 dias

na aldeia dos kubekrameti e foi recambiado a Belém depois de sofrer violenta crise de hemoptise.

A falta de intérpretes também foi apontada como problema para os sertanistas, pois quando se entra em contato com uma tribo é necessária a presença de um índio que fale uma língua do mesmo tronco dos índios atraídos. Duas vezes Cotrim pediu intérpretes à Funai: na primeira, precisava de um índio tapirapé, nunca enyariado; na outra, de um assurini, para contato com os jandeavy. Este intérprete chegou oito meses após a solicitação.

PESSOAL

Cotrim também aponta falhas na seleção do pessoal que trabalha nas frentes de penetração. "Certa vez — disse — formou-se um grupo para entrar em contato com os índios Araras com o aproveitamento de um homem, Antonio Chagas Pimentel, que já tinha entrado em conflito com eles. Os índios reconheceram Pimentel e foi muito difícil realizar o contato".

Antonio Pimentel tinha trabalhado abrindo picadas na estrada Altamira-Santarém, planejada antes da Transamazônica mas cuja execução acabou não sendo feita. Os índios atacaram o grupo de trabalhadores e mataram um irmão de Pimentel e outro mateiro. Mais tarde, nos primeiros contatos com o grupo, os índios reconheceram o trabalhador e fugiram, mostrando-se depois arredios durante longo tempo.

Os araras, no início da construção da Transamazônica, tinham aldeia a três quilômetros do eixo principal da estrada. No entanto, abandonaram-na com a chegada dos trabalhadores e das máquinas e se isolaram na mata. Agora, estão pressionados entre a estrada e o rio Iriri.

RECURSOS

Outro ponto que o sertanista considera importante é o relacionado com a aplicação dos recursos destinados à Funai pelo Plano de Integração Nacional. "Existe um grande desperdício de recursos pela Funai — disse Cotrim — que está mais preocupada em realizar obras de fachada".

Segundo esclareceu, mais de 80 por cento dos recursos da Funai provenientes do Plano de Integração Nacional estão sendo empregados na manutenção da estrutura de base — construção de bases avançadas, apoio logístico — embora, há pouco tempo, médicos da Força Aérea Brasileira e da Sucam tenham constatado que 80 por cento dos índios Munduruku lutavam tuberculosos. Esses índios vivem perto da base de Itaituba, em cuja manutenção a Funai gasta mensalmente 30 mil cruzeiros. "É preciso — disse o sertanista — que haja uma distribuição mais racional dos recursos pois, com essa providência, muita coisa positiva poderá ser feita".